

10-08-2022

A MORTE DO RASCUNHO E O APAGAMENTO DO SUJEITO

Alan Machado

[Professor da Universidade Estadual de Goiás]

Esta semana vi “A morte do rascunho”, de Eguimar Chaveiro, se levantando contra a suspeita higiene dos textos produzidos pela sociedade tecnocentrada e por meios digitais. Me parece que o autor se deslocava no desconforto de escritor para tocar no assunto.

Pesquei nos meandros do trajeto que Chaveiro articula no texto certo mal-estar que me interpelou como um signo, um sinal de fumaça, talvez da incineração do sujeito. Então fiquei pensando sobre o que a morte do rascunho tem a ver com isso, com o sujeito sendo dispensado de sua incomoda inconstância, de seus tão inerentes tropeços, fracassos e desvarios. Seria preciso pensar o que é sujeito para se dizer sobre o sujeito na e da escrita. É fundamental se pensar, num para além do rascunho, sobre o que se instaura como sujeito higienizado algorítmicamente no universo digital.

A morte do rascunho pode ser uma metáfora da morte da razão, aquela razão veiculada pelas singularidades do sujeito, que se desloca porque está na via do desejo.

Aquela razão que dança no salão de palavras armado sobre o real até escorregar em uma casca de banana, até enfiar o pé num buraco e torcer, desfazendo ilusões quase alucinadas em fiapos de dor e em recomeços e mudanças de rumo. O rascunho mostra esse titubear do sujeito na sua busca do outro, suas fraquezas constitutivas, sua labuta ordinária com a palavra, cheia de fazer e desfazer, cheia de cortes e armação de esconderijos para intenções e entregas e inconveniências. O rascunho escancara que a flecha no alvo é aquela que muitas vezes acerta o próprio pé de quem a disparou. O rascunho é a prova do trabalho em andamento que é o sujeito vivo, com o desejo ora voando, ora mancando, como imaginava Freud.

A normatização escrita, promovida por bits indiferentes e frios algoritmos, põe um alvo sob a flecha que atingiu o pé do arqueiro e faz, pelo bombardeio alucinado de repetições cosméticas, o sujeito, já no caminho do desvanecimento, acreditar que acertou o alvo e que portanto já é feliz: gratidão, gratidão, gratidão!

Nisso incha o entorpecimento sobre a dor. Anestésico, anestésico para uma tirada de cena forçada do sujeito no processo de normatização.

É como se todo mundo tivesse que virar um miojo. Não há questionamento para o miojo, não existe sonho de espaguete, yakisoba, ravióli, lasanha no íntimo de um miojo. Há uma forma ali que o esvazia do algo mais: o tempero vem pronto, o *design* vem pronto, o cozimento vem pronto... O macarrão é aquela platitudo asséptica e perfeita. O miojo é uma encenação feliz do desastre, é um universo sem falta cobrindo um mundo gigante de falta. E mesmo que você ponha ali umas batatinhas picadas, umas fatias de pimentão, ainda terá miojo, miojo com batatinha e pimentão.

O vazio estandardizado do miojo se preserva, sua esterilidade, sua entropia nula persistem. Não tem possibilidades para um miojo. Da mesma forma se apresenta o texto já dado. Barato em todos os sentidos, como o miojo, segue no seu veloz desatino, castrado pela formatação, pela linearização da escrita regulamentada, operada por patrulhas online ou por pelotões de algoritmos ou hordas de robôs que se impõem como o admirável mundo novo.

Todo esse assédio dissimulado como normalidade funciona, é modo de apagamento do sujeito, é neutralização dos rompantes subversivos do desejo e embaçamento de uma memória, uma memória que tem singularidades, que sustenta modos de intervenção, modos de reação. O ideal é não ter esse sujeito para essas redes sociais. O ideal é ter Deleuze vendendo pipocas na porta da escola ou Aristóteles como locutor do carro da pamonha. O ideal é que o sujeito seja um outro idêntico ao algoritmo e as consequências disso são graves. Aliás, a gente está vivendo as consequências materiais desse outro que, pelo seu narcisismo identificado com o algoritmo, segue vazio repetindo verdades prontas, inquestionáveis, esse outro que tem a resposta pra tudo. Resposta tão inquestionável como um miojo, na sua inviolável, frívola e sempre igual condição *prêt-à-porter*. A morte do rascunho já era um sinal de que é bom ter o povo dentro de um pastiche regulamentado, provido por um jogo de algoritmos que o cerca e o mantém nessa captura eterna.

Bom para quem, cara-pálida?
